

O PURIM E O TEATRO JUDEU

J. Guinsburg*

Universidade de São Paulo – USP

editorial@editoraperspectiva.com.br

RESUMO: *Purim* é um feriado judaico que comemora a salvação do povo judeu do plano de Haman, para exterminá-los, no antigo Império Persa, tal como está escrito no *Livro de Ester*. Este artigo focaliza os pontos de diálogo entre a Festa de *Purim* e o Teatro Judeu.

PALAVRAS-CHAVE: Festa de *Purim* – *Purimschpil* – Teatro Judeu

ABSTRACT: *Purim* is a festival that commemorates the deliverance of the Jewish people living throughout the ancient Persian Empire from a plot by Haman the Agagite to annihilate them, as recorded in the *Book of Esther*. This article focuses in the dialog between *Purim* celebration and Jewish Theatre.

KEYWORDS: *Purim* celebration – *Purimschpil* – Jewish Theatre



LIVRO DE ESTER

* J. Guinsburg é professor emérito da Escola de Comunicações e Artes da USP.

O surgimento da arte teatral entre os judeus tem vários antecedentes que provêm da tradição religiosa, mas o *Purim*, que relembra a história da rainha Ester e de Assuero, rei dos reis, aquemênida, constituiu uma das festas cuja forma de celebração mais se aproxima do rito carnavalesco e de uma representação cênica.

Existem elementos de outra ordem que podem ser vinculados a uma possível germinação teatral, porém a proibição religiosa da criação e reprodução pictórica e estatuária da figura humana como forma de evitar a idolatria, tolheu o acesso explícito às

artes das representações figurativas, mesmo quando de natureza simbólica, nas produções plásticas ou nas consagrações espetaculares. Por isso a cepa hebréia teve como latência teatral até o Medievo apenas rudimentos de espetáculo, mas nunca um palco dramático específico.

Foi no Ocidente, principalmente no âmbito da Europa Central e Oriental, nos guetos, que a festa do *Purim* começou a se

transformar em ato teatral, incorporando elementos cristãos de caráter gestual, interpretativo e aproximando-se, assim, das farsas. Os atuantes improvisavam em torno de referências fixas nas figuras do rei, da rainha, do mensageiro, do palhaço e, já no



FESTA DE PURIM – 1657



PURIM ASSOCIATION CARD – NEW YORK – 1881

período renascentista, este gênero de comemoração pública e domiciliar começou a sofrer a influência da tipologia da *commedia dell'arte*.

Afora o *Purim*, no entanto, há outros embriões de uma teatralidade em ritualizações espetaculares judaicas. Uma delas é o *Seder*, a Ordem do *Pessakh*, da Páscoa. O *Seder*, que evoca a saída do Egito, é encenado, pois no ritual os integrantes da família representam papéis na celebração, à volta da mesa do repasto.



HAGADÁ DE SARAJEVO – IMAGEM DE UMA FAMÍLIA NO *SEDER*

Outra festa curiosa do ponto de vista teatral era a do *Iom Kipur*, a do Dia da Expição, quando, na antiga Jerusalém, se sacrificava o bode para expiar os pecados



NIKOLAI EVREINOV

individuais e coletivos. Com este fim, armava-se um cortejo com sucessivos passos até um tablado final de onde o bode emissário, após vários cerimoniais, era impelido ao precipício para consumir a sua missão. Com esse sacrifício, pode-se entrever certa ligação com o bode dionísíaco, ao qual, aliás, as fontes clássicas remetem os inícios da tragédia grega. Tal paralelismo foi realçado pelo grande diretor russo e estudioso do teatro, Nikolai Evreinov (1879-1953), em célebre ensaio intitulado *Azazel e Dionísio*, em

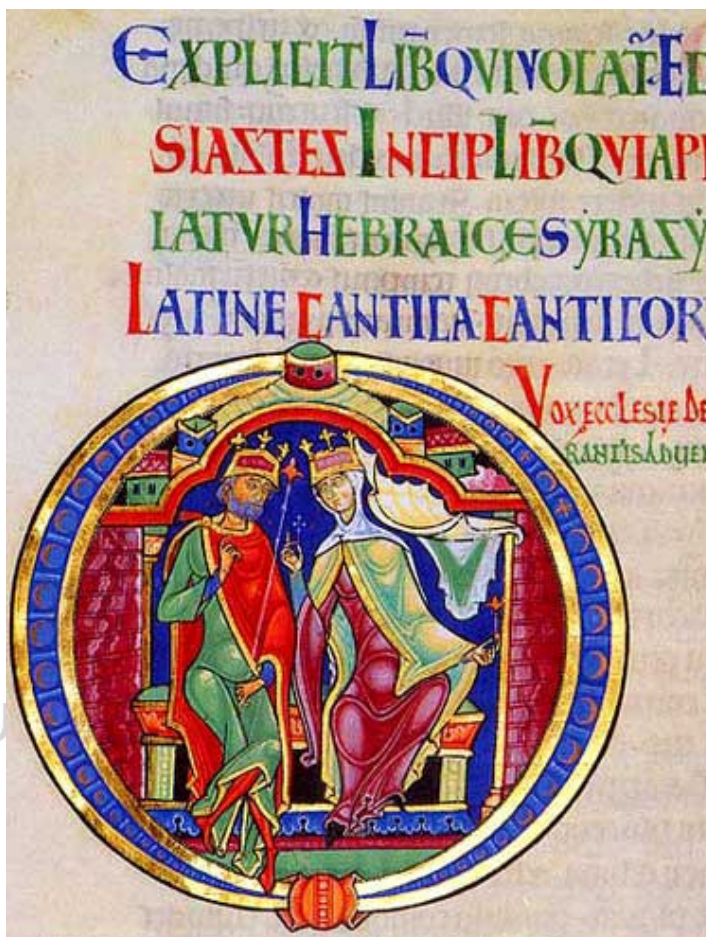
que procurou comprovar a amplitude das raízes antropológicas e rituais do teatro. Em ambos os casos, o espetáculo consagrador obedecia a uma ordem não apenas ritual-religiosa, como ainda de encenação representativa.

É claro que o teatro da Hélade não se definiu somente a partir desses dados. Como quer que seja, as formalizações no caso judaico são extremamente sugestivas, como são também os festejos de que nos dão testemunho o *Cântico dos Cânticos*, supostamente salomônicos, mas em que a pesquisa moderna divisa o registro de dedicações agrárias e eróticas, quando jovens hebreus iam aos vinhedos para cantar e bailar.

No conjunto, cabe, portanto, dizer que em Israel antigo, em suas diferentes etapas históricas, apresentava-se um bom número de expressões públicas de cunho espetacular, sem que isso tenha

envolvido, necessariamente, uma evolução para uma arte dramática propriamente dita e, muito menos, para uma textualização desse naipe.

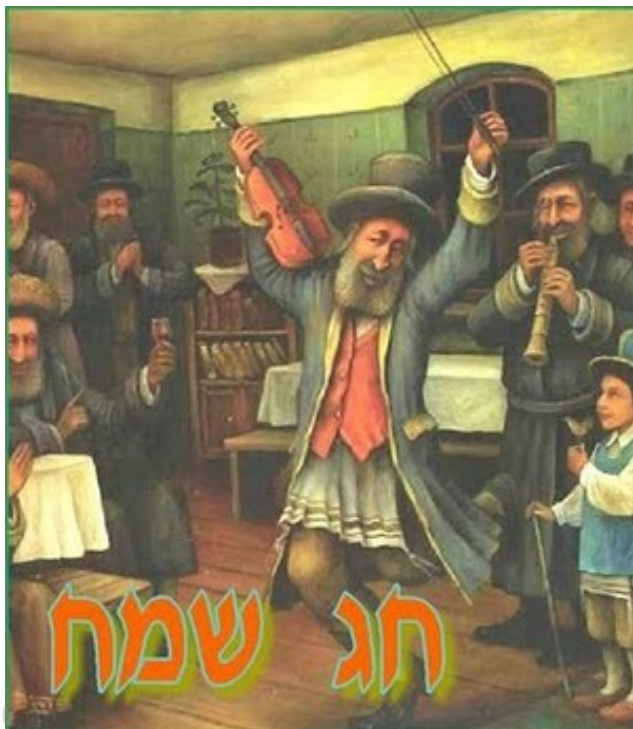
Outra fonte de uma atividade teatral que pode estar ligada a uma presença judaica nos palcos da Antiguidade é o contato do povo e da cultura de Israel com a civilização helenística e com as representações nos anfiteatros sob a égide romana, tanto na Judéia quanto fora dela, em outros centros do império. Na Palestina, em Cesaréia, por exemplo, e mesmo em Jerusalém, existiam anfiteatros para diferentes modalidades de exibição ou de jogos, mas também para fins dramáticos. E sabe-se, inclusive, de atores de proveniência judaica que interpretavam em grego e, mais tarde, em latim. Há também um importante texto antigo em versos relatando a saga de Moisés, oriundo do



CÂNTICO DOS CÂNTICOS – MANUSCRITO DO SÉC. XII

Egito ptolomaico e escrito por certo Ezequiel ou Ezequielos. Ele, por si, é um documento que comprova, mais do que uma simples presença de espectador da cena helenística, uma criação ou uma tentativa de criação de uma escritura dramática específica, calcada nos modelos da tragediografia grega, sobretudo em Eurípides.

Todos esses são elementos pretéritos de uma teatralidade judaica, ainda que nenhum deles tenha vingado inteiramente, pelo que se sabe até agora. Dever-se-ia ainda acrescentar, no plano profano da existência judaica nos guetos, desde a Idade Média, os festejos que pautavam a vida civil, como o noivado e o casamento, nos quais o *badkhan*, o mestre de cerimônias, o animador, desempenhava um papel especial por seus números de canto e recitação, por seus improvisos cômicos e por seus passes de



O LUSTIGMAKHER, O ALEGRAADOR
ANIMANDO UMA FESTA

prestidigitador. Era um integrante original e orgânico da sociedade do gueto e do *schtetl*, das cidadezinhas, que prefigurou e, no devido tempo, configurou o ator do teatro judeu. Porém, ele, o *badkhan*, ou o *lustigmakher* (“alegrador”), por si e pelas formas de sua atuação, não gerou modalidades mais definidas de espetáculos ou estruturas cênicas que devam ser incluídas na coletânea do gênero peça, ou função dramática, isto é, na aceção em geral aceita de teatro no sentido pleno.

Na verdade, a única manifestação que realmente influenciou mais diretamente ou levou a uma forma que se poderia chamar de efetivamente teatral, foi o *Purim* e, de um modo muito mais particular, o *Purimschpil*. Como já foi observado acima, este *ludus*, sempre em espectro farsesco, girava em torno das figuras de Haman, Mordekhai, Akhasverosch e Ester, cujas relações e atos eram desenvolvidos em enredos mais ou menos densos. Ou seja, desde improvisações inteiramente ingênuas ou mesmo simplórias, sem pé nem cabeça, até textos consistentemente elaborados e literariamente mais complexos. As variáveis, no caso, é claro, estão vinculadas à época, isto é, na

medida em que cresce a contaminação pelas formas teatrais do Ocidente e das luzes seculares.

O *Purimschpil* era apresentado por grupos de *ieschive-bokhirem* (estudantes de *ieschivá*) ou de artesãos que se organizavam exclusivamente para este fim e desempenhavam todos os papéis, inclusive os femininos. E o espetáculo era representado em domicílio de quem o aceitasse: os atores iam de casa em casa, batiam à porta e, sendo recebidos pelas famílias, punham-se a atuar e, terminada a função, pediam um dinheiro. O cultivo dessa modalidade prolongou-se nos guetos alemães e italianos marcadamente até a Ilustração e, na Europa Oriental, até a Segunda Grande Guerra. Ainda hoje, o *Purimschpil* é realizado em Israel em meios mais ligados à tradição religiosa. De todo modo, boa parte dos atores judeus da primeira época do teatro ídiche, ou seja, por volta dos anos setenta do século XIX, eram *Purimschpilers*, *Brodersing(u)ers*, cantores de taverna¹ e *chantres* de sinagoga.



Abraão Goldfaden

Entre eles é que Abraão Goldfaden (1840-1908), o fundador do que se pode chamar, com propriedade, de “teatro judeu”, recrutou os elencos das primeiras representações de peças judaicas, escritas por ele no início, sobretudo em ídiche, que era a língua de seu público, embora o hebraico fosse a da religião e a da cultura.

Ainda assim, vale assinalar que uma das primeiras obras dramáticas compostas na língua sagrada, *A Comédia do Matrimônio*, por Leone de’ Sommi (c. 1525 - c. 1590), diretor de teatro da corte de Mântua, no século XVI, não se apóia na moldura comemorativa nem na tipificação da *Meg(u)ilá* (Livro de Ester), mas há fortes indícios de que tenha sido escrita tendo em mira esta festa e levada como peça de *Purim*.



PURIMNO BRASIL, MÁSCARAS DE UMA CELEBRAÇÃO DE CRIANÇAS
COLÉGIO I. L. PERETZ (SÃO PAULO, 2008)

¹ A denominação deriva do fato de que esses *chansonniers* começaram a distinguir-se na cidade polonesa de Brody, em cujas estalagens e tavernas se apresentavam.